

- Início
- Editorial
- Fale Conosco



NEWSLETTER

CLIPPING@MAIS

“Não reagir”? Será que funciona mesmo?

Doutrinado dia após dia pelos meios de comunicação a “não reagir” perante a violência dos criminosos, o brasileiro está cada vez mais paralisado, uma vítima que parece não se mexer enquanto é servida numa bandeja aos bandidos. Mas quem se responsabiliza quando, ao não reagir, a violência insuportável ocorre da mesma maneira?

[Leia mais...](#)

Adversário de Hugo Chávez se inspira em Lula, o melhor amigo de Hugo Chávez, para derrotar Hugo Chávez. Entendeu?

Todo mundo que já acompanhou cinco minutos de um telejornal de TV ou que leu um parágrafo de jornal sabe que Lula e Hugo Chávez são como unha e carne, duas faces da mesma moeda, expoentes do socialismo latino-americano.

[Leia mais...](#)

Socorro! “Outro mundo possível” é bem parecido com o atual

Internet banda larga que não funciona, alagamentos, filas, burocracia e furtos? Esse é um pequeno balanço da Campus Party, evento de tecnologia que acontece em São Paulo.

[Leia mais...](#)

Poder público “tomba” imóvel e cidadão paga a conta

Ainda há muito que se debater e analisar a respeito da política de “tombamentos” de imóveis particulares. O prejuízo à propriedade privada e aos direitos mais elementares do cidadão é flagrante: uma comissão de “especialistas” decide que determinado imóvel não pode mais ser usado livremente por quem é seu proprietário legítimo.

[Leia mais...](#)

Brasileiro recebe Grammy e passa vergonha ao ver que DARF foi cobrado de quem o premiou

O Grammy é uma espécie de “Oscar” da música internacional: ou seja, o prêmio mais importante para quem trabalha na área em todo o mundo.

[Leia mais...](#)

Ah se fosse outro...

Blindados nas ruas, repressão contra grevistas manifestantes, caos na segurança pública, dinheiro do governo envolvido em privatizações suspeitas, ministros corruptos caindo um atrás do outro, empreiteiras ganhando rios de dinheiro em obras superfaturadas, elogios e financiamento público para ditadores assassinos.

[Leia mais...](#)

CLIPPING+LIDOS

- Brasileiro recebe Grammy e passa vergonha ao ver que DARF foi cobrado de quem o premiou
- Ah se fosse outro...
- Poder público “tomba” imóvel e cidadão paga a conta
- Socorro! “Outro mundo possível” é bem parecido com o atual
- Adversário de Hugo Chávez se inspira em Lula, o melhor amigo de Hugo Chávez, para derrotar Hugo Chávez. Entendeu?
- “Não reagir”? Será que funciona mesmo?

HUMOR



É possível encarar a realidade?

por Paulo Zamboni em 11 de fevereiro de 2012 Análise - Resenhas



Um país cuja economia é assentada em ilusões coletivistas que estão levando a nação a rumos perigosos e fortalecendo uma sociedade onde o futuro não existe, só o presente de consumismo além da capacidade e enfraquecimento do dinheiro como elemento de unidade e prosperidade. É assim que Ron Paul enxerga a sociedade americana, e explica isso em seu livro *O Fim do FED - Por que acabar com o Banco Central* (Editora É Realizações, 238 páginas). O experiente político e economista - cuja vida pública teve início na segunda metade da década de 1970 e hoje participa da disputa para escolher o representante do Partido Republicano na próxima eleição presidencial americana - revela sua formação intelectual influenciada por uma infância de valores tradicionais, trabalho duro, poupança, e posteriormente marcada de forma especial pela influência de pensadores da escola austríaca de economia, com destaque para von Mises, e o contato com outras correntes de pensamento antioletivistas, como o objetivismo de Ayn Rand.

É à luz dessa formação que Paul analisa o papel do FED - Federal Reserve, ou o Banco Central Federal dos Estados Unidos.

A origem do FED está na busca de grandes bancos por uma forma de garantir seus negócios, finalmente encontrada na manipulação do poder do Estado, e com isso deixar de ser o que foram até o final do século XIX, ou seja, um negócio como qualquer outro, sujeito a falências e sucessos, um cenário onde o livre mercado funcionava como um freio para os interesses dos grandes banqueiros.

Paul relata as tentativas históricas de criar um Banco Central nos EUA antes do FED - todas fracassadas -, como o livre mercado solucionou crises econômicas do passado sem necessidade de intervenção estatal, e por que a ideia de um banco central ganhou corpo em meados dos anos 1910, sendo favorecida por crises e muita propaganda paga. Prometendo prosperidade sem limites, na verdade o FED apenas legitimou um cartel de bancos e gerou condições para que crises econômicas fossem agravadas ao longo das décadas seguintes. Dos vários objetivos declarados para justificar sua criação, apenas um o FED alcançou: bancos dificilmente faliram a partir de então, pois passou a vigorar um sistema onde os prejuízos são socializados e os interesses bancários garantidos, em detrimento do livre mercado e do consumidor.

Ron Paul também explica como a constante instabilidade bancária provém em grande parte da forma como o sistema bancário é organizado, baseado em reservas fracionadas, onde os depósitos dos clientes podem ser utilizados como fonte de empréstimos, e depois redepósitos. Como tal sistema é arriscado no caso de haver uma corrida para saques, o FED entra em cena, dando garantias que não deveriam existir caso houvesse um sistema de livre mercado - este é outro ponto para o qual Paul chama atenção de forma enérgica: dinheiro é, ou deveria ser, um produto como qualquer outro, portanto, deveria estar sujeito às leis de mercado, assim como os bancos. Para piorar as coisas, o FED contribui decisivamente para o caos econômico criando moeda do nada, ao sabor de decisões políticas e interesses obscuros - o real funcionamento e os interesses do FED são envoltos em muitos segredos, sendo desconhecidos da opinião pública e da maior parte da classe política americana, explica Paul, a ponto do atual presidente da instituição se negar a dar muitas explicações em audiências públicas no Congresso americano.

O autor lembra como o poder de controlar a moeda é, essencialmente, poder para controlar a política e ampliar a ação do Estado sobre os indivíduos[*]. Desta forma, gerar riqueza artificialmente, através de papel moeda impresso à vontade, sem lastro, é uma tentação muito grande porque é um instrumento de ação política, desejado por muitos e facilitador de projetos de poder, pouco importando que não signifique o fim de problemas sociais ou não resulte em prosperidade real. Os resultados das crescentes intervenções estatais na economia, via ação do FED, são as bolhas financeiras, inflação e ameaça de uma recessão ainda pior do que a da década de 1930. Paul explica ainda como a crença disseminada de que é a falta de intervenção estatal que favorece as crises econômicas está completamente errada.

Embora a luta contra o FED aparente ser uma causa perdida, pois seus desígnios são aceitos como sendo quase divinos e seu presidente um sábio ouvido por todos, especialmente os mercados, ela está ganhando muitos adeptos e crescente apoio popular nos EUA. E as manifestações populares contra os interesses bancários sempre estiveram presentes na história política do país, podendo obter sucesso novamente como instrumento de pressão por mudanças - o autor cita o *Tea Party* como exemplo de mobilização e lembra que muitos socialistas americanos acertadamente criticam o FED, mas toleram a interferência estatal em várias esferas da sociedade americana, numa evidente contradição que acaba favorecendo o próprio FED.

O autor considera que crises como a que vivemos são fundamentais para implantação de reformas a fim de diminuir o tamanho do Estado e salvaguardar a liberdade. Mas é necessário que os opositores do atual estado de coisas coloquem suas teorias e opiniões em prática. De nada valem boas ideias e acreditar que estão corretas sem lutar por elas. Neste sentido, o socialismo consegue uma boa vantagem porque é ótimo em termos de propaganda, mas desilude porque é um fracasso completo. Assim, uma vez demonstrando o fracasso do coletivismo socialista, uma nova teoria - a liberdade individual - deve ser defendida junto aos cidadãos de forma que os convença de que ela é a que melhor defende seus interesses. Este é o desafio, mostrar que a liberdade é melhor representada pelo livre comércio, a propriedade privada e a moeda forte.

O livro deixa claro que há divergências nas fileiras da direita americana. O próprio Paul disputou a presidência dos EUA pelo partido libertário em 1988, e depois novamente se associou aos republicanos. Murray Rothbard, um dos intelectuais austríacos que influenciaram Paul, ora militava nos meios libertários, ora entre os republicanos, chegando a apoiar o então pré-candidato do partido republicano, Pat Buchanan, em 1992. A confrontação entre republicanos e libertários foi positiva como forma de contestar o monopólio partidário existente nos EUA, na opinião de Paul.



O livro relata ainda os contatos de Paul com Alan Greenspan, ex-presidente do FED, que de posições econômicas conservadoras na juventude, como o uso padrão ouro, passou a defensor do intervencionismo do FED, pavimentando o terreno para as graves crises econômicas dos últimos anos, e com o então presidente Ronald Reagan, ele próprio um defensor do padrão ouro que Paul sempre defendeu.

O autor também defende que, sem a existência de um Banco Central, as forças políticas que periodicamente lançam os EUA em aventuras externas como guerras e conflitos ou fazem do assistencialismo demagógico bandeira eleitoral, não teriam instrumentos para financiar suas ações, já que sem a máquina de imprimir dinheiro e gastar a fundo perdido os custos teriam que ser cobertos por impostos diretos, causando uma fortíssima reação popular.

Em resumo, o fim do FED significaria o início da diminuição do poder do Estado e a valorização da produção real, da liberdade e da responsabilidade individuais. Mas o próprio autor reconhece que este trabalho de mudanças depende basicamente de uma alteração no pensamento da sociedade americana, que perdeu a noção do que é prosperidade proveniente de trabalho duro e, principalmente, poupança. A prosperidade fácil e aparentemente infinita tornaram os cidadãos americanos pouco afeitos a encarar os fatos, muitas vezes desagradáveis, e isso acaba favorecendo o jogo dos que defendem o financismo irresponsável e o discurso equivocado de que o Estado é um gerador de prosperidade.

Tal quadro pode ser revertido somente com esforços dos que se opõem ao canto de sereia do FED através de um lento e corajoso processo educacional e trabalho de convencimento da população. Embora esta conclusão do autor seja praticamente a admissão de que suas propostas são utópicas, dado o grau de intoxicação coletivista que a sociedade americana e mundial vive - e também porque sua visão de papel do Estado implicaria, por exemplo, no desmantelamento de grande parte das forças militares dos EUA, o que, obviamente, é totalmente ingênuo em luz da política internacional e dos interesses nacionais dos EUA -, o livro de Ron Paul é muito interessante para formar um quadro do sistema monetário e político americano, revelando que muitos dos problemas que afligem a sociedade brasileira, como crédito fácil e irresponsável, populismo político, coletivismo como panaceia para problemas sociais, também fazem parte do cotidiano do país mais poderoso do mundo, e para enfrentar essa situação o autor apresenta soluções que fogem ao senso comum envolvendo mais socialismo e mais governo, o qual, em última análise, só agrava o problema e restringe a liberdade dos cidadãos.

[*] **Nota do autor:** Uma obra de extrema importância sobre as origens do FED e todas as implicações históricas disso é o livro *The Creature from Jeckyll Island*, de autoria do intelectual Edward Griffin. No trabalho de Griffin é possível obter um panorama detalhado de muitos aspectos que Ron Paul toca superficialmente em seu livro, como o uso de guerras e do socialismo para favorecer os interesses das elites bancárias.